

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO ( PÔSTER )

NOME: NATHÁLYA LESSA AZEVEDO

TÍTULO: A VIOLÊNCIA CONJUGAL CONTRA A MULHER EM CARANGOLA-MG (2006-2016): QUANDO A REALIDADE É SILENCIADA

AUTORES: ERIKA OLIVEIRA AMORIM TANNUS CHEIM, NATHÁLYA LESSA AZEVEDO, NATHÁLYA LESSA AZEVEDO, ÉRIKA OLIVEIRA AMORIM TANNUS CHEIM

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): PAPq/UEMG

PALAVRA CHAVE: GÊNERO, PODER, PATRIARCADO

## RESUMO

A História das Mulheres e estudos de Gênero possibilitaram investigar o papel social de homens e mulheres, denunciando assimetrias que reforçam hierarquias e relações de poder que pressupõem a dominação masculina e a violência do homem contra a mulher.

Neste trabalho apresenta-se parte dos dados da pesquisa realizada na cidade de Carangola, que visa conhecer a realidade da violência doméstica e conjugal e especificamente, compreender como esse fenômeno social é vivenciado em uma cidade de pequeno porte, no interior do Estado de Minas. Trata-se de um estudo realizado em duas etapas, em que na primeira foram aplicados 376 questionários fechados em diversos pontos da cidade coletados em um só momento (corte-transversal). A segunda fase, iniciada em abril de 2018, consiste na sistematização e análise dos dados anteriormente coletados. Os números foram estudados à luz da teoria feminista e da História Social, especificamente, a História das Mulheres. A violência contra a mulher é considerada uma violação aos Direitos Humanos, mas o silenciamento ou a subnotificação de casos de violência conjugal é uma realidade e um grande obstáculo ao enfrentamento desse problema social. Nesta pesquisa identificou-se que 69,19% das mulheres sofreram qualquer tipo de agressão, sendo que 12,06% foram agredidas fisicamente pelo companheiro. Quando se considera que a agressão partiu do companheiro ou de amigos/familiares a taxa de mulheres agredidas chega a 70,74%. Apenas 8,5% das mulheres fizeram denúncias, sendo que dessas queixas, pouco mais da metade (55,17%) foi devido à agressão física, levando-se a crer que há tolerância quanto a outros tipos de agressões, principalmente aquelas que não deixam vestígios no corpo.

A vergonha da família/comunidade é o principal motivo para que as mulheres não efetivem a separação (33,33%). Os dados do estudo demonstram que o silenciamento convive com a violência conjugal nos lares carangolenses.